



A Teologia teve a sua morte?

Did theology have its death?

Luís Henrique Piovezan ^[a] 

São Paulo, SP, Brasil

^[a] Centro Universitário Claretiano

Como citar: PIOVEZAN, Luís Henrique. A Teologia teve a sua Morte?. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 293-308, maio/ago. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.A001>.

Resumo

A partir da análise epistemológica dos discursos contrários à Teologia, incluindo a Ateologia, mostra-se a fraqueza e a incompletude argumentativa destes discursos. Essa fraqueza está ligada a um cientificismo relacionado com pretensas promessas científicas de imortalidade. Para evitar que isso se torne Fundamentalismo, o caminho proposto é que sejam usados métodos teológicos desenvolvidos para as argumentações teológicas, de forma a sustentarem o diálogo mais do que uma disputa sem sentido.

Palavras-chave: Ateísmo. Teologia. Ateologia.

Abstract

By the epistemological analysis of discourses against Theology, including Ateology, the weakness and argumentative incompleteness of these discourses is shown. This weakness is linked to a scientificism related to pretended scientific promises of immortality. To prevent this from becoming Fundamentalism, the proposed path is to use theological methods developed for theological arguments to sustain dialogue rather than a meaningless dispute.

Keywords: Atheism, Theology, Atheology.

^[b] Mestre em Engenharia de Produção pela Escola de Engenharia de São Carlos – USP. e-mail: lhpiovezan@terra.com.br

Introdução

“Deus” é um dos assuntos mais debatidos nos últimos tempos, embora nem sempre o debate se denomine como um contexto teológico. Neste debate, porém, falta uma estruturação metodológica, levando, em geral, a posições fundamentalistas. Por estruturação metodológica entende-se a consideração dos métodos científicos e teológicos nos debates, nos quais a Lógica impessoal predomina sobre opiniões pessoais. Este artigo analisa posições contrárias à Teologia, que equivalem a uma sentença de Morte para a Teologia. Por Morte, com inicial maiúscula, entende-se a ideia de falta de necessidade do campo de conhecimento teológico. Para esta análise, que não pretende ser abrangente, este artigo apresenta situações em que a Teologia é atacada por ateus e crentes (Macedo, 1993; Ribeiro, 2009; Sagan, 2008) e detalha uma proposta de Ateologia de acordo com Shook (2014, 2015, 2018).

O entendimento da Teologia como algo necessário nem sempre foi pacífico. Por exemplo, em 1764, Voltaire já indicava a pretensa inutilidade da Teologia em seu verbete no Dicionário Filosófico:

O que o desgastou por demais foi a dificuldade de dispor na cabeça tantas coisas cuja natureza é serem confundidas e de lançar um pouco de luz sobre tantas nuvens. No entanto, como estas pesquisas constituíam o dever da sua condição, dedicou-se a elas, não obstante tais repugnâncias. No poente de seu laborioso trabalho, acabou por chegar a conhecimentos ignorados pela maior parte dos seus confrades. Ao passo que se tornava mais verdadeiramente sábio, mais desconfiou de tudo o que sabia. Foi indulgente durante toda a sua vida. Chegada a hora da morte, reconheceu que tinha consumido inutilmente a sua vida (Voltaire, 2006, p. 473).

A consequência da visão iluminista de Voltaire foi o abandono da Teologia como algo possível de ser metodologicamente estudado. Essa visão gerou uma associação da Teologia como uma forma não científica de tratar o mundo, sendo considerada apenas ilações complexas e sem sentido, desconsiderando o seu método. Foi definida como algo a ser abandonado, ou seja, foi decretada uma sentença de Morte.

A análise de alguns artigos que se posicionam contra a Teologia, com a indicação de falhas metodológicas, vai apontar que estes artigos apenas pretendem o fim da Teologia, o que se chamou de Morte da Teologia. Mas, como partem de uma visão distorcida da Teologia, não atingem seu intento.

Para a análise dos artigos indicados (Macedo, 1993; Ribeiro, 2009; Sagan, 2008; Shook, 2014, 2015, 2018), vai-se verificar se estes textos usam completamente o método teológico ou se fazem uma análise pessoal sobre um assunto teológico.

O que é Teologia e seu Método

Antes de abordar as críticas, é preciso definir o que é Teologia e o que é metodologia teológica. O estudo da Teologia não se limita ao espiritual, ao transcendental. Não é um tratado sobre divagações inúteis. Embora não abandone a necessidade do entendimento do espiritual, a Teologia também tem o foco de incentivar ações em coerência com a Fé, com a forma espiritual de ver o mundo. Em outras palavras, a Teologia questiona se as ações humanas estão de acordo com a “luz da Fé”, a Revelação, a Mensagem de Deus, o espiritual. A “Fé agir por amor” (Aquino, 2003, p II-II, q.4, a.2) significa que a Teologia não se limita ao teórico, ao transcendental.

Isso não é abandonar o espiritual, mas a Teologia é um conhecimento tanto transcendente como, principalmente, humano. A Teologia aborda as questões últimas da Humanidade em sua relação com as questões humanas atuais. Ou seja, busca saber o que é o Ser Humano atual diante de Deus, diante da Eternidade, diante da Perfeição. Conforme indica Boff (2015, p. 54),

o primado do enfoque da fé sobre qualquer outro se funda na transcendência da própria fé em base a seu conteúdo. A teologia visa principal e finalmente a Deus e ao seu Reino eterno e não as questões imanentes de tempo, enquanto fechado em si. Se essas questões entram na teologia, e somente na medida em que são abraçadas e salvas por aquela primeira e decisiva dimensão. A história só se mostra salvífica *sub specie aeternitatis*.

E isso não é feito sem método. A Teologia tem um método abrangente, racional e consistente, que surgiu formalmente durante a absorção da ciência aristotélica por teólogos. Considerar que a Teologia não tem um método racional é decretar a Morte da Teologia. Não se defende que se volte, sem crítica e questionamento, à Teologia de Tomás de Aquino ou de Agostinho, mas que se reconheça que a Teologia tem método e que este método é válido e deve ser levado em conta nos debates teológicos.

Também não se defende que se utilize o método da forma como foi proposto por Agostinho ou Tomás de Aquino. Há atualizações. O problema que se aponta é ignorar o método teológico para dizer que não existe possibilidade de Teologia. Ou associar a um pretenso dogmatismo, o qual desde o começo da Teologia foi combatido.

O Método Escolástico, um dos primeiros em Teologia, também conhecido como método “Sim-Não”, exige que se responda às questões iniciando com uma consideração dos diversos argumentos favoráveis (sim) e contrários (não) existentes e que devem ser analisados pelo autor de forma a serem aceitos ou refutados após a apresentação da argumentação do autor. Para os autores Kretzmann e Stump (2019, p. 14),

o formato literário que é característico da obra de Tomás de Aquino (e de outros filósofos escolásticos), o “método escolástico”, é uma marca da filosofia medieval. Os tratados escritos neste formato são normalmente divididos em “questões” ou tópicos principais (como “Sobre a verdade”), os quais são subdivididos em “artigos”, que são análises detalhadas de questões específicas do tópico (como “Se a verdade se encontra nos sentidos”). A análise realizada no artigo começa com uma tese afirmativa ou negativa em resposta à questão sim-não do artigo, e a tese é, então, apoiada por uma série de argumentos. Como a tese normalmente é oposta à posição que o autor tomará, seus argumentos de apoio são frequentemente chamados de “objeções”. Imediatamente após as objeções, há a apresentação de pelo menos uma evidência relativa ao outro lado da questão – o sed contra (“Mas, em sentido contrário...”). O sed contra é, às vezes, um argumento ou dois, às vezes, simplesmente uma citação de uma autoridade relevante – apenas o suficiente para lembrar ao leitor que, apesar de todos os argumentos que apoiam a tese, há motivos para considerar seriamente o outro lado. O corpo do artigo contém a resposta fundamentada do autor à questão inicial, invariavelmente discutida e muitas vezes introduzida por explicações e distinções pertinentes. O artigo conclui, então, geralmente com as réplicas do autor a todas as objeções (e, às vezes, também ao sed contra), de maneira que a forma do artigo é a de uma discussão filosófica ideal.

Ao contrário do que se critica a Teologia, o Método Escolástico não parte de uma visão dogmática, única e unificada sobre o assunto. O método começa apresentando as diversas

visões e apenas após isso que surge a argumentação do autor. É um método que ajudou a construir a atual Metodologia Científica e foi evoluindo com o tempo.

O papa Leão XIII, em 1879, fez uma defesa do uso dos métodos teológicos de Tomás de Aquino na Encíclica *Æternis Patris* (Leão XIII, 1879). Como indica Ventresca (2008),

Leão via no tomismo mais do que um conjunto de autênticos primeiros princípios. Ele também percebeu que o método tomista – a "sabedoria de São Tomás" e o "uso correto da filosofia" – era necessário para que os pensadores cristãos pudessem encontrar uma maneira de permanecer consistentes com os primeiros princípios de sua própria herança.

Quando se pede a retomada dos métodos, indica-se que o foco da Teologia deve ser o entendimento de questões atuais e não apenas um compêndio de doutrinas ou dogmas. O Objetivo da Teologia deve ser a relação da Humanidade de hoje com Deus. Teologia não é Apologia, embora possa se revestir deste caráter em algumas situações. A Teologia também não é reposta a questões do passado. A Teologia lida com o tempo atual e seus problemas.

As críticas à Teologia

As críticas à Teologia serão apresentadas pelas propostas de Macedo (1993), Ribeiro (2009), Sagan (2008) e Shook (2014, 2015, 2018). A ideia não é apresentar ou classificar as críticas, mas apontar algumas das críticas evidenciando uma tendência geral de abandono de métodos teológicos.

Macedo (1993) escreveu um pequeno livro contra a Teologia. Líder de uma igreja evangélica então em crescimento, defendeu que a Teologia traz desunião e prejudica a integração entre as diversas igrejas cristãs. Assim, indica a necessidade de uma "Libertação da Teologia" como forma de criar uma unificação de pensamento, que é, segundo sua visão, uma característica fundamental da Igreja. Macedo sugere que

a Teologia, de um modo geral, enche a mente do homem, porém jamais o seu coração. Não se pode entender Deus através de ideias e argumentos, por mais sólidos ou científicos que possam parecer. Deus é Espírito e importa que O adoremos em Espírito e em Verdade. Os teólogos criam tantas "verdades" que chegam a confundir aqueles que desejam adorar a Deus. É graças aos teólogos que existem hoje milhares de denominações evangélicas praticamente se digladiando entre si; a própria igreja católica deve aos seus teólogos suas divisões e seus atritos internos (1993, p. 18).

A ideia do autor é evitar o diálogo e o debate entre as diversas correntes teológicas, que é uma característica da Teologia. Ao contrário do que coloca Aquino (2003, p II-II, q.4, a.2), a Teologia, para Macedo, é apenas a coleção de dogmas e verdades definidas por uma liderança, e não um diálogo proveitoso sobre Deus e sobre a Humanidade. No fundo, não ter o debate da Teologia evita o diálogo na Igreja e cria uma subordinação aos líderes sem questionamento.

Em outros casos, a Teologia é vista como algo ultrapassado, que não se liga aos conhecimentos atuais. Parte-se da ideia de que a Teologia (como um todo) é algo incompleto para a atualidade, é considerada um proselitismo inútil. Assim, há até a proposta de uma "terapia" para a Teologia, a "Teologia no Divã", como se a Teologia não tivesse seu próprio conjunto de conhecimentos. De acordo com Ribeiro (2009):

a prova de fogo de sua terapia dar-se-á quando teólogos e teólogas formos para a escola. Não é que a teologia vá, agora, educar o mundo. Pelo contrário – vai sentar-se, comportadamente, e frequentar as aulas. A teologia vai para a escola, e vai jogar o jogo da escola. Vai descobrir quem é, na terapia, e o que é, na escola. Não tenho a mínima ideia de quem – do que – ela sairá, depois desse processo. Mas ele é necessário.

Em outras palavras, Ribeiro descaracteriza toda a Teologia elaborada previamente. Para ele, é preciso que a Teologia não dialogue, mas se submeta aos desenvolvimentos considerados atuais em área diversas. Isso é deixar de ser Teologia por mudar o enfoque dos assuntos. Assim, a Teologia somente foca na Humanidade sem considerar a transcendência e sem considerar Deus.

Outra forma de criticar a Teologia é apresentar questões teológicas de forma incompleta, resultando em conclusões nem sempre verdadeiras. É o caso de tomar parcialmente a análise de um problema e o apresentar como completamente entendido. Por exemplo, Sagan (2008, p. 183) tenta mostrar a inexistência de Deus pela não solução do Problema do Mal. Em poucas palavras, o autor repete o famoso Paradoxo de Epicuro. E conclui a não existência de Deus neste argumento.

E há certos problemas clássicos para a existência de Deus. Deixem-me mencionar alguns deles. Um é o famoso problema do mal. É basicamente o seguinte: considerem por um instante que o mal existe no mundo, e que ações injustas às vezes ficam sem punição. E considerem também que existe um Deus benevolente para com os seres humanos, onisciente e onipotente. Esse Deus ama a justiça, esse Deus observa todos os atos humanos, e esse Deus é capaz de intervir de forma decisiva nos assuntos humanos. Bem, para os filósofos pré-socráticos, essas quatro afirmações não poderiam ser verdadeiras ao mesmo tempo. Pelo menos uma delas teria que ser falsa. Vou dizer de novo quais são elas. Que o mal existe, que Deus é benevolente, que Deus é onisciente, que Deus é onipotente.

Embora o Problema do Mal possa ser indicado como “clássico”, outros autores posteriores a Epicuro trataram do assunto. Ao invés de abordar o problema de forma abrangente, Sagan faz uma escolha subjetiva de uma forma de ver o problema. Há a escolha de um ponto de vista e toma-se, sem analisar os pontos divergentes, esse ponto de vista como Verdade. Há um subjetivismo e o fechamento em uma única fonte de conhecimento.

Causaria surpresa se Carl Sagan fizesse isso com a Física e dissesse que a Mecânica Newtoniana tem validade universal, inclusive para situações de velocidades próximas à velocidade da luz. Isto seria considerado um grave erro científico e suas colocações serviriam de exemplo de má ciência. Aliás, atividade que Carl Sagan criticava em várias de suas divulgações científicas. Quando se faz isso com a Teologia, o mesmo julgamento criterioso de Sagan não se apresenta. Sem entrar em muitos detalhes, pois este não é o objetivo deste artigo, pode-se indicar um autor que invalida a resposta do Problema do Mal como colocada por Carl Sagan.

A impossibilidade alegada por Sagan foi resolvida por Agostinho ao abordar o Livre-Arbitrio (Agostinho, 1995, p. 143). O Mal existe porque, segundo Agostinho, as pessoas têm liberdade de escolha e de julgamento. Mas é fácil distorcer e simplificar a Teologia e não considerar o pensamento completo desenvolvido a partir da questão proposta.

Pretende-se mostrar que a Teologia não tem sentido, pois um simples Paradoxo, segundo Sagan (2008), derruba toda a fundamentação da Teologia. Mas é apenas uma deturpação do

método teológico para apoiar uma opinião pessoal. A demonstração desta forma proposta deveria considerar, no caso, a resposta de Agostinho, e não apenas a ideia atribuída a Epicuro.

É interessante a semelhança do discurso dessas citações com as ideias de Voltaire (Voltaire, 2006, p. 473). As citações mostram que a Morte da Teologia não é um desejo de apenas ateus, há religiosos que também a querem. Isso reforça a tese de que a Morte da Teologia decretada é um fenômeno causado por algo mais do que a ausência de crença em Deus.

As críticas apresentadas não se focam num questionamento da validade dos métodos. Não apresentam as falhas metodológicas ou epistemológicas, mas se focam nos princípios que norteiam a Teologia. A Teologia questiona, fere, assusta, obriga mudanças. Daí a necessidade de decretar a sua Morte, por muitos que não admitem mudanças. Até se pretende criar uma ciência contra a Teologia como será abordado a seguir.

A Ateologia que se pretende Ciência

A questão sobre a oposição à Teologia será aprofundada com o detalhamento de uma proposta de nova ciência: a Ateologia (Shook, 2014, 2015, 2018). Shook (2014) define o programa da Ateologia:

A "ateologia científica" baseia-se na ciência atual e no método científico para refutar os apelos da teologia natural a questões naturais para inferir a existência de Deus e questionar qualquer valor explicativo para Deus. Desafios ateológicos impressionantes às religiões aplicam esses dois métodos, o racionalista e o científico, em conjunto cooperativo, a fim de explicar completamente por que a crença em Deus acaba por ser irracional.

O foco principal da Ateologia é organizar e unificar as críticas à Teologia. O fundamento da Ateologia é que a Teologia deve ser racionalmente combatida, porque, segundo o proponente, não se baseia em fato válido, ou seja, a existência de Deus. A Ateologia é a reunião das críticas à Teologia em nome da Ciência.

Segundo Shook (2014), a Ateologia deve ser um campo unificado de conhecimentos e de programas de forma a ganhar força contra a Teologia. Aproxima-se do ativismo e da unificação epistemológica. Não pode haver diálogo interno. Segundo Shook (2014),

Muitos ateólogos hoje em dia estão focados em descobrir quais apologéticas ateístas simplistas podem obter mais aplausos. [...] Tempo suficiente tem sido desperdiçado por disputas internas dentro da ateologia, à medida que a teologia ganha terreno imerecido. A menos que a ateologia tenha sua própria casa em melhor ordem, sua relevância desaparecerá, assim como alguns comentaristas seculares e religiosos já suspeitam. O baixo estado de debate em que o ateísmo versus a religião caiu, pelo menos para a visualização pública, exige uma teologia científica que esclareça as coisas.

Embora indique um "debate", a Ateologia parte de uma ideia prefixada (ou, de forma mais precisa, ideologia), que é considerada inquestionável. Neste sentido, é importante reforçar que o Método Científico não prega uma uniformidade de conhecimentos válidos. Aliás, conforme indica Paine (2010), a unidade e a uniformidade de fontes epistemológicas são fontes do Fundamentalismo. A verdade científica é o resultado de confirmações por experimentos e do debate lógico. A diversidade é um dos princípios da Ciência.

A necessidade de unificação também é atribuída à Teologia por esta proposta de ciência. Shook (2018) coloca a Teologia como se fosse um todo unificado e não debatido, um conjunto de dogmas. Por exemplo, Shook (2018, p. 163) indica:

A Teologia há muito se queixa de que a cosmovisão científica é incompleta, uma vez que a pura presunção de que as leis da natureza estão lá para serem descobertas é uma premissa que requer justificação, uma justificativa que nem a ciência nem o naturalismo podem fornecer.

O tratamento genérico e unificado da Teologia, que também ocorre em Macedo (1993), em Ribeiro (2009) e Sagan (2008), é questionável. A Teologia é muito rica em detalhes para seus conhecimentos serem tratados uniformemente e genericamente. Teologia é diálogo.

No sentido de uniformidade de visões, Shook (2014) classifica a Ciência como algo que se baseia em evidências testadas ao contrário da Teologia. É uma simplificação epistemológica. A Ciência lida com os modelos de funcionamento do mundo e os testa na realidade. É claro que são necessárias evidências, mas estas evidências devem ser corretamente julgadas. E este julgamento se dá pela Lógica e pelo Raciocínio corretamente conduzido, e não por conceitos previamente considerados corretos. Para Shook (2014), Ciência é algo apenas experimental e não dedutivo:

A ciência utiliza evidências credíveis, evidências com significado e relevância para investigações científicas em andamento. Os cientistas coletam muitas informações durante suas investigações que ainda não chegam ao nível de evidências confiáveis, na esperança de que tais coisas possam ser úteis no futuro.

Por outro lado, Shook (2014) indica que as evidências da Teologia são definidas a partir dos dogmas, e não de uma experimentação. Porém, essa colocação se assemelha ao conceito de Paradigma de Thomas Kuhn. De acordo com Kuhn (2018, p. 72), as provas científicas partem de um modelo aceito pela comunidade científica como normal, ou seja,

daqui por diante referir-me-ei às realizações que partilham essas duas características como “paradigmas”, um termo estreitamente relacionado com “ciência normal”. Com a escolha do termo pretendo sugerir que alguns exemplos aceitos na prática científica real – exemplos que incluem, ao mesmo tempo, lei, teoria, aplicação e instrumentação – proporcionam modelos dos quais brotam as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica.

O que Shook (2014) coloca como “evidência credível” é aceitável dentro de um paradigma, dentro de um modelo de pensamento científico. O que é evidência em um modelo, pode não ser evidência em outro modelo. Depende-se dos modelos disponíveis dentro do paradigma científico.

A dificuldade epistemológica de Shook está em não perceber que fazer Ciência não é fazer uma coleção de evidências escolhidas ao acaso, com ideias prévias, como a não validade de todas propostas da Teologia. A Ciência é, na verdade, o julgamento de conceitos sobre um assunto. As evidências são apenas um dos instrumentos de julgamento, ao que se juntam a Lógica e o Raciocínio. A Ciência começa pela apreensão de conceitos, seja dogmas, dados ou ideias. O julgamento dos conceitos apreendidos em um raciocínio científico é posterior a esta apreensão. Como indica Severino (2002, p. 191),

O discurso científico é fundamentalmente raciocínio, ou seja, um encadeamento de juízos feito de acordo com certas leis lógicas que presidem a toda atividade do pensamento humano. [...] Como último ato de conhecimento da inteligência, o raciocínio é precedido pela apreensão, que dera lugar aos conceitos, e pelo juízo, que dera lugar as proposições. O raciocínio é, portanto, a ordenação de juízos e de conceitos.

Sendo juízos encadeados, o discurso científico deve ser aberto. Não há verdades absolutas em Ciência. Isso implica que uma Ciência sempre parte de conceitos prévios e cria uma cadeia de julgamentos sobre as consequências destes princípios. Ou seja, o Método Científico é mais um debate ou um diálogo do que uma definição de verdades absolutas.

O juízo prévio da Ateologia é que a Teologia não pode ser considerada verdadeira por não ter provado a existência de um de seus fundamentos, ou seja, a existência de Deus. Mas não há provas nem da existência nem da não existência de Deus. Porém, existem várias Ciências sem princípios provados.

Um exemplo é a Geometria. Dentre seus conceitos fundamentais, a Geometria usa o conceito de ponto. O ponto, na Geometria, é definido como algo sem dimensão. Não há, portanto, uma existência material e sensível para o ponto. Por outro lado, ninguém fica discutindo se a Geometria é válida ou não pela não existência material do ponto. A validade da Geometria está em seus resultados. A imaterialidade dos princípios ocorre também em outras ciências como a Matemática (por exemplo, na definição do número), a Biologia (por exemplo, na definição do que é vida) e na Física (por exemplo, na definição do que é matéria ou do que é gravidade).

Neste sentido, a discussão sobre a existência de Deus não é um tema teológico relevante. E mesmo que se discuta longamente, não invalida todo o restante da Teologia. A Teologia não é apenas uma Ciência de Deus, mas um conhecimento que relaciona Deus, ou melhor definindo, o Sagrado, com a Humanidade.

Para Shook (2018), porém, o Método Científico não admite o Mistério, o abstrato. Para ele, o Mistério é irracional, ou seja, o Mistério é tudo o que a razão não pode explicar ou compreender. Porém, não haver explicação científica não significa ser irracional. Como diz Sagan (1995, p. 47), a Ciência busca elucidar mistérios.

O modo científico de pensar é ao mesmo tempo imaginativo e disciplinado. Isso é fundamental para o seu sucesso. [...] Impõe-nos um equilíbrio delicado entre uma abertura sem barreiras para ideias novas, por mais heréticas que sejam, e o exame cético mais rigoroso de tudo — das novas ideias e do conhecimento estabelecido (Sagan, 1995, p. 47).

A imaginação, o mistério, as alternativas são todos parte do processo científico. Sem o mistério, sem a imaginação, a Ciência não consegue questionar. Ou seja, se for aplicado o conceito de Shook (2018), será acabada a possibilidade de Ciência. Para a Ateologia, não se pode questionar a não validade da Teologia.

Assim, pode-se concluir que a proposta de Ateologia de Shook (2014, 2015, 2018) é mais característica de ações proselitistas do que uma estrutura científica. A proposta da Ateologia é mais uma discussão hostil do que um sistema metodológico. Para Jaspers (1971, p. 76),

numa discussão hostil entre indivíduos inflexíveis, cada qual busca impor sua opinião ao outro. [...] Esse tipo de diálogo – método civilizado de encontrar caminho comum, mesmo quando há oposição entre os que o procuram – exige o preenchimento de certos requisitos básicos. [...] Um desses requisitos liga-se ao tema de que nos ocupamos: já o mencionei e volto a repeti-lo: importa estar convicto de que o conhecimento científico difere

radicalmente do conflito intelectual entre forças opostas. Não obstante, a pureza do conhecimento científico e a clareza que se consiga nos conflitos de ideias se estimulam e se favorecem mutuamente.

Ao se colocar como um conflito intelectual contra a Teologia, a Ateologia deixa de se caracterizar como um discurso científico. Não há o julgamento aberto, pois a Ateologia adota que a Teologia é errada desde o princípio. A Ateologia quer decretar a Morte da Teologia. Mas, como será tratado no próximo item, esta questão vai além de uma disputa de crenças sobre a existência de Deus.

Por que a Teologia é contestada?

A questão que se aborda neste item é refletir sobre o motivo de se evitar a Teologia ao ponto de não se estabelecer um diálogo, mas apenas, como diz Jaspers (1971), estabelecer o “conflito intelectual entre forças opostas”.

Antes das promessas da Ciência e da Tecnologia sobre a imortalidade, surgidas nas Revolução Industrial, a Religião era o único conhecimento que explicava a Morte. Ao adotar a promessa de imortalidade da Ciência e, como consequência, repudiar a possibilidade de Morte, abandona-se a Religião e a Teologia. Elas tornam-se incômodas. Recordam a finitude do Ser Humano. Como indicam Libanio e Murad (2007, p. 36),

a vida humana intercala-se, como curto lapso diurno, entre duas gigantescas noites. A noite da não-existência. Ontem não éramos. (...) Após a morte, abre-se nova noite escura sem término. Entre essas duas ameaças do caos inicial e final, o ser humano caminha solitário, sem luz. A teologia, ao fazer-se companheira, quer contar-lhe as estórias de Deus que lhe permitem encontrar sentido para esta aventura tão breve entre os infinitos do ontem e do amanhã.

A Teologia, ao ligar esses dois infinitos, trata não somente da Vida como da Morte. E isso assombra. A Teologia busca uma visão holística do Ser Humano como alguém que vem do infinito e vai ao infinito, ou seja, para a Teologia, o Ser Humano é alguém destinado nascer, viver e morrer para atingir a transcendência da vida com Deus. Ao contrário, a Ciência procura prolongar a vida material. O Ser Humano é visto, pela propaganda da Ciência, como uma máquina com a promessa de ser imortal materialmente. A Morte não tem espaço nesta forma de ver o mundo. A Morte é algo a ser derrotado.

O entendimento de que a Teologia é incômoda está ligado ao fato de que a Teologia fala de Vida e de Morte com igual maestria e naturalidade. E esta capacidade desafia as promessas científicas da Ciência e ameaça as estruturas advindas disso. Como diz Alves (1981, p. 127):

talvez encontremos aqui as razões por que a sociedade oculta e dissimula a morte, tornando-a até mesmo assunto proibido para conversação. A consciência da morte tem o poder de libertar e isto subverte as lealdades, valores e respeitos de que a ordem social depende. Colocando os sepulcros nas mãos dos deuses, a religião obriga a inimiga a se transformar em irmã... Livres para morrer, os homens estariam livres para viver.

A Ciência, por sua vez, não por seus métodos, mas pela sua propaganda iluminista e progressista, tende a indicar que o Ser Humano não tem limites para aplicação dos seus conhecimentos. Segundo esta visão, que pode ser denominada “cientificista”, há um mundo de

infinitas possibilidades, de ilimitado atendimento e ilimitadas soluções a todos os problemas. Assim, a “propaganda” científica indica que os Seres Humanos são Super-Homens. A Teologia não tem mais lugar nestes conceitos científicistas.

Este enfoque científicista é mais propagandístico do que real. A própria Ciência definiu que todo o processo físico tem perdas de energia na sua execução. É a Segunda Lei da Termodinâmica, com aplicação mais conhecida em máquinas térmicas e geladeiras domésticas. Em outros termos, esta lei propõe que a Entropia aumenta ao longo do tempo. Em termos mais amplos, o conceito de Entropia significa o grau de desordem de um sistema. E esta desordem sempre aumenta se não for fornecida energia no sistema.

A consequência implacável da Segunda Lei da Termodinâmica é que sistemas físicos irão fatalmente se degradar durante o tempo. A não ser que ocorra alguma intervenção para restauração e manutenção do sistema com gasto de energia, ele entrará fatalmente em colapso após sua vida útil. Uma outra forma de indicar isso é verificar que os processos físicos são todos ineficientes. Não se conseguem transformações de energia cem por cento (ou idealmente, na linguagem da Física) eficientes. Os sistemas físicos sempre falham, sempre ocorre a Morte.

Quando se compara esta lei física com a promessa científicista, chega-se à conclusão de que a promessa de uma Ciência que vencerá totalmente a Morte não é tão plausível quanto a propaganda iluminista faz parecer. Ou seja, a própria Ciência mostra que o mundo material tem suas limitações. Em outras palavras, há a necessidade de uma visão mais realista da Ciência. Stenmark (2014, p. 367) propõe que

o realismo científico é, grosso modo, o ponto de vista que entende que as teorias da ciência são verdadeiras ou falsas, ou pelo menos aproximam-se da verdade e da falsidade, por conta da maneira como capturam as características do mundo, independentes da linguagem ou do observador. [...] As teorias procuram oferecer um relato do que acontece por trás dos fenômenos que experimentamos, e assim a ciência não está apenas na busca de uma descrição cuidadosa e metodológica dos aspectos observáveis do mundo. Mas claro que é possível, ao invés disso, defender uma visão não realista ou antirrealista da ciência e isso influenciaria no como a ciência e a religião são relacionadas.

O abandono da Teologia proposto por Macedo (1993), a sua sujeição a uma filosofia secular proposta por Ribeiro (2009), a simplificação de Sagan (2008) e a criação de uma ciência de oposição por Shook (2018) são parte do mesmo fenômeno sobre a Teologia. Isto é, a perda de uma visão transcendental trazida pelo sucesso de conquistas científicas e por falsas promessas científicistas. O abandono não se baseia nos fundamentos e métodos da Teologia, mas numa visão simplista da Teologia. Por exemplo, analisando a produção dos Neoateístas, Imbert (2013) indica que,

a princípio, os desafios dos Novos Ateus não parecem ser tão sérios quanto se poderia temer. Sua cruzada contra a religião soa como uma diatribe desorganizada, em vez de um confronto ponderado de ideias e visões de mundo. Seus argumentos são como "uma meditação sobre alguns aspectos do mundo escolhidos arbitrariamente".

Mas a Teologia é fundamental, como será tratado a seguir.

Por que a Teologia é fundamental?

A Teologia é capital para evitar o Fundamentalismo, um grande problema de nossa época. Isso ocorre porque a Teologia é uma forma de questionar o Sagrado e sua relação com a Humanidade. Segundo Paine (2010),

atitudes ateias e agnósticas, apoiando-se nos resultados da ciência – mas que se proclamam além dos limites de competência das próprias ciências, e ousam pronunciamentos filosóficos, até metafísicos, sobre assuntos que, metodologicamente, jazem fora do seu campo de pesquisa – não são menos suscetíveis da degeneração do discurso e geração de antagonismos desnecessários. Não são menos fundamentalistas.

Em outras palavras, a Teologia fornece o método que permite uma análise mais apurada e metodológica sobre o assunto “Deus”. Esta falta de embasamento teológico nos artigos analisados (Macedo, 1993; Ribeiro, 2009; Sagan, 2008; Shook, 2014, 2015, 2018) contrasta com a pretensa visão racionalista apresentada normalmente como característica fundamental daqueles que são contra a Teologia. Mas a Teologia é a racionalidade aplicada aos problemas da Fé.

Nossa época pede teologia. A cultura moderna é essencialmente reflexiva: não se contenta apenas como recurso à tradição, mas pergunta sempre pelo porquê de tudo. Mesmo a chamada razão pós-moderna, embora prefira o “discurso fraco”, ela também precisa ser submetida a discernimento. Mais: as questões atuais com que a fé se vê confrontada são tão complexas que exigem reflexão elaborada e rigorosa (Boff, 1999).

Boff aponta a necessidade da estrutura racional da Teologia na cultura Moderna. Ao contrário do que defende Shook (2018), a Teologia não é uma apologia à existência de Deus. A existência de Deus é apenas uma premissa para a Teologia, da mesma forma que muitas Ciências têm premissas não provadas, como o conceito do ponto na Geometria.

De forma mais racional, a Teologia deveria ser julgada por seus resultados e não por suas premissas. Deveria ser julgada pelas suas reflexões e conclusões. Pelas ações de amor e caridade que gera e incentiva. Porém, as reflexões teológicas são incômodas por considerar os limites, a finitude e a Morte. Por outro lado, a queda da utilização de conceitos teológicos contrasta grandemente com a visão crítica dos primeiros ateus do Iluminismo. Na época, era indicada a necessidade de abandonar dogmas e promessas consideradas vazias. Para Gózdź (2022),

o abade católico Jean Meslier (m. 1729) é considerado o primeiro ateu moderno. Ele negou a existência de poderes sobrenaturais, incluindo também o Deus cristão. A crítica inicialmente latente de Meslier à Igreja foi revelada somente após sua morte por Voltaire (François-Marie Arouet, m. 1778), que, em suas obras coletadas, incluiu os manuscritos compilados do falecido como seu “testamento”.

O Ateísmo de Meslier era contrário à falta de reflexão que os padres católicos eram obrigatoriamente submetidos na França antes da Revolução de 1792. O padre deveria apenas ser o repetidor do que a liderança da Igreja Católica preconizava, sem ter a liberdade de questionar, analisar e debater os conceitos da Fé. Não poderia pensar. De acordo com Minois (2014, p. 370),

a formação do clero é responsável em parte por esses desvios. Desde a criação dos seminários, os padres são educados num ambiente fechado e asséptico, sem contato com

a cultura profana. Devoção acima de tudo, pureza de costumes, moral, pastoral, celebração dos ofícios, teologia escolástica, Escrituras e só. Alguns rudimentos de filosofia, nada de história e menos de ciência. Uma vez na paróquia, o padre, isolado no presbitério, é vigiado permanentemente.

Diante deste quadro na época do Iluminismo, a questão que Meslier propunha era a reflexão sobre a Fé e, como vimos, da Teologia. Numa época de grandes descobertas científicas (Meslier era contemporâneo de Newton e Leibnitz), um padre estudava apenas para repetir o que aprendeu. Não era Teologia. Não era o que a época pedia da Teologia.

De um foco na exigência de um debate mais aprofundado e racional sobre a Fé, ou seja, de um amplo reavivamento da Teologia, o posicionamento dos que são herdeiros do Iluminismo foi reduzido a mais uma atitude cientificista, antirreligiosa e de campanha propagandística do que realmente uma reflexão sobre a Fé. A Teologia tornou-se assunto tabu, sinal de uma pretensa falta de questionamento, assunto enfadonho. No fundo, um limitante às promessas cientificistas. Grey assevera:

os novos ateus voltaram sua campanha contra um segmento restrito da religião, mas se mostraram incapazes de entender até mesmo essa pequena parte. Encarando a religião como um sistema de crenças, passaram a atacá-la como se não passasse de uma teoria científica obsoleta. Donde o “debate sobre Deus” – tediosa repetição de uma querela vitoriana entre ciência e religião. Mas a ideia de que a religião consiste em um amontoado de teorias desacreditadas é em si mesma uma teoria desacreditada: uma relíquia da filosofia novecentista do positivismo (Grey, 2021, p. 15).

O método teológico, porém, não é obsoleto. Nem se liga exclusivamente à Fé. Não há necessidade de crer para a sua aplicação. A ligação com a Fé está mais no conteúdo do que na estrutura metodológica. Assim, ao adotar a Teologia e seus métodos, ganha-se uma metodologia mais apurada do que a simples proposta de algo panfletário e de oposição para debater suas ideias como fazem os críticos apontados. Isto não significa a adoção de práticas religiosas ou crenças teístas. O método teológico pode ser usado para o assunto “Deus” sem a necessidade se crer em Deus. É mais uma ação da inteligência do que a adoção de uma crença.

Aliás, até em Ciências e Tecnologias, que aparentemente têm um só caminho de solução dos problemas, sempre há uma disputa entre visões contrárias sobre o problema abordado pelos cientistas da área do conhecimento. De alguma forma, pode-se dizer que a Ciência é um diálogo entre argumentos fundamentados apresentados pelos diversos cientistas. No fundo, ainda utilizam, com vários refinamentos, o método conhecido como “Sim-Não” apresentado na Escolástica. Não é à toa que o Método Escolástico é considerado como o primeiro ato de ressurgimento da Ciência Grega na Idade Média.

Assim, a questão sobre o Combate à Teologia não é metodológica. A Morte da Teologia não está sendo proposta porque a Teologia tem métodos inadequados ou porque é irracional. A Morte da Teologia é proposta porque seus algozes têm medo da Morte, querem vencer a Morte, querem a imortalidade. Mas há um caminho para a superação da necessidade de Morte da Teologia.

Um caminho para os ateus e crentes: superar o subjetivismo

O que se pode perceber, nos itens anteriores, é que as posições das pessoas que são contrárias à Teologia podem ser consideradas como um subjetivismo fechado. A Teologia é

vista como um fator de desunião dos religiosos (Macedo, 1993), como uma visão arcaica (Ribeiro, 2009), como um raciocínio ilógico (Sagan, 2008) ou mesmo uma ideia a ser combatida (Shook, 2014, 2016, 2018). Para Paine (2010), este subjetivismo é uma das características do Fundamentalismo. Um Fundamentalismo baseado numa visão cientificista.

Há necessidade, para evitar o Fundamentalismo tanto religioso como científico, que se deixe a visão propagandista e proselitista, muito comum em textos que têm “Deus” como assunto. Como indica Pigliucci (2013),

O que o movimento ateu precisa, portanto, não é de uma força bruta voltada para a ciência às custas de todo o resto, mas sim de uma aceitação mais matizada e abrangente de todas as variadas maneiras – intelectuais e experienciais – nas quais os seres humanos adquirem conhecimento e desenvolvem a compreensão de seu mundo.

A visão cientificista adota uma interpretação literal da Ciência e tenta expandir essa visão de Ciência para campos em que a Ciência não tem métodos adequados para debate e para aquisição de conhecimento. Em outras palavras, a Ciência é pretensamente considerada a única forma possível de explicação da realidade e gera o abandono da Teologia, que acaba sendo um caminho para o Fundamentalismo Ateu (Paine, 2010). É o mesmo tipo de caminho que leva ao Fundamentalismo Religioso.

O problema é o Fundamentalismo, e não a Religião. Porém, como ocorre com a proposta de Shook (2014, 2015, 2018), há a ideia de não se ter diálogo teológico com os religiosos. Os religiosos são considerados incapazes de uma racionalidade e de possibilidade de diálogo (Piovezan, 2022). Não observam que o diálogo está sendo fechado por quem faz uma crítica sem método. E isto é um passo para o Fundamentalismo.

É preciso reavivar, nas críticas à Teologia, o método teológico. Este reavivamento não é copiar ou decorar suas respostas teológicas, mas analisar uma questão teológica a partir do Método “Sim-Não”, ou seja, a Teologia e as críticas à Teologia devem considerar, sem julgamentos prévios, as propostas favoráveis e contrárias ao que o teólogo tem a dizer. O cerne deste método é justamente partir de um diálogo, e não de uma apologia ou uma ofensa.

Este tipo de diálogo caracterizado pelo Método “Sim-Não” é muito comum na Ciências. Não está explícito na forma atual de escrever artigos científicos, mas aparece na conceituação inicial de qualquer artigo. O autor de um artigo científico deve trazer sempre uma revisão bibliográfica dos artigos mais significativos no campo de trabalho que está atuando. Em outras palavras, o autor deve apresentar as indicações favoráveis e contrárias à proposta do artigo. Tanto é, que artigos são avaliados em sua influência pelo número e qualidade das citações que recebe de outros artigos.

O caminho, tanto para ateus como para crentes, é, portanto, ter sempre uma visão crítica e metodológica dos artigos, dos livros e de outros textos que são produzidos sobre Teologia. É preciso que sejam publicadas críticas bem claras principalmente sobre textos que distorcem a metodologia teológica. Principalmente a crítica dos textos que pretendem uma visão ufanista e cientificista da Ciência, tratando a Ciência como algo infalível até contra a Morte.

A Morte da Teologia pode e deve ser evitada. É desta salvação que serão evitados conflitos fundamentalistas. Mas isso exige o conhecimento dos limites do Ser Humano. Exige considerar a Morte como algo natural. Tanto para a Vida, para a Ciência e para a Teologia.

Referências

- AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALVES, R. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- AQUINO, T. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003.
- BOFF, C. Conselhos a um jovem teólogo. *Perspectiva Teológica*, v. 31, n. 83, p. 77-96, 1999.
- BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GÓZDŹ, K. Historical and Theological Sources of Secularism and Secularisation. *Verbum Vitae*, v. 40, n. 2, p. 359-373, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31743/vv.13269>.
- GRAY, J. *Sete tipos de Ateísmo*. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- IMBERT, Y. The End of Reason: New Atheists and the Bible. *European Journal of Theology*, v. 22, n. 1, p. 50-64, 2013.
- JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- KRETZMANN, N.; STUMP, E. Introdução. In: KRETZMANN, N.; STUMP, E. (Org) *Tomás de Aquino*. São Paulo: Ideias & Letras, 2019. p. 9-22.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- LEÃO XIII. *Ætenis Patris*. Vaticano, 1879. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris.html. Consultada em 28/01/2023.
- LIBANIO, J.B.; MURAD, A. *Introdução à Teologia – Perfil, enfoques, tarefas*. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- MACEDO, E. *A Libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1993.
- MINOIS, G. *História do Ateísmo*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- PAINE, S.R. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 8, n. 18, p. 9-26, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2010v8n18p9>
- PIGLIUCCI, M. New Atheism and the scientific turn in the atheism movement. *Midwest Studies in Philosophy*, v. 37, p. 142-153, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/misp.12006>
- PIOVEZAN, L.H. Inteligência induz ateísmo? Crítica ao artigo de Lynn sobre inteligência e religiosidade. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 1, n. 1, p. 160-183, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5380/rt.v1i1.83309>

RIBEIRO, O. L. Teologia no divã. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, v. 1, n. 1, p. 199-218, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7213/pp.v1i1.10757>.

SAGAN, C. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Edição do Kindle.

SAGAN, C. *Variedades da experiência científica: uma visão pessoal da busca por Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SHOOK, J. R. Scientific atheology. *Science, Religion and Culture*, v. 1, n. 1, p.32-48, 2014.

SHOOK, J. R. Rationalist atheology. *International Journal for Philosophy of Religion*, v. 78, p. 329–348, 2015. DOI: <https://dx.doi.org/10.1007/s11153-014-9498-6>.

SHOOK, J. R. *Systematic Atheology: Atheism's Reasoning with Theology*. New York: Routledge, 2018.

STENMAK, M. Meios de relacionar a ciência e a religião. In: HARRISON, P. (Org) *Ciência e Religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 349-371.

VENTRESCA, R. A. A Plague of Perverse Opinions – Leo XIII's *Æterni Patris* and the Catholic Encounter with Modernity. *Logos: A Journal of Catholic Thought and Culture*, v. 12, n. 1, p. 143-168, 2008. DOI: <https://dx.doi.org/10.1353/log.0.0022>

VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

WATEMBERG, T. E. A razão e a prática da ciência. In: GUYER, P. (org) *Kant*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p.275-298.

RECEBIDO: 08/10/2023
APROVADO: 14/07/2024

RECEIVED: 10/08/2023
APPROVED: 07/14/2024